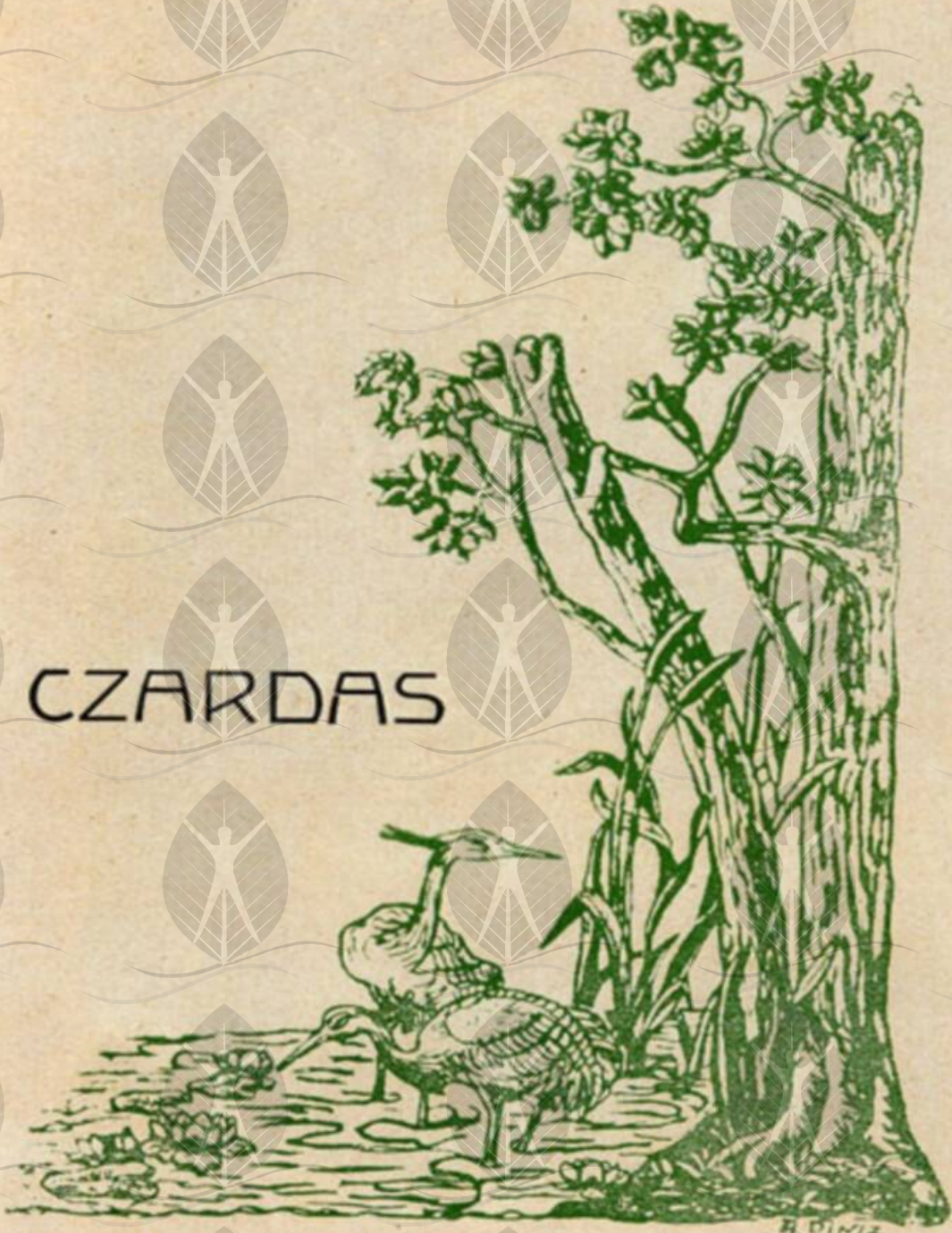


JONAS DA SILVA

CZARDAS



H. DINIZ



A stylized illustration of a man with a beard, wearing a red robe, looking out at a night sea under a starry sky. The man is shown in profile, resting his chin on his hand. The sea is depicted with white waves against a dark blue background. The sky is filled with white stars and a crescent moon. The overall style is reminiscent of a woodcut or linocut print.

OS ZARDAS

versos

de

Fortes da Silva



CAELA
⊕



Triste viajor sem fé, companheiro dos parias,
Velejando ao Jardim de Hesperides mirífico,
Embora o procureis no Atlantico ou Pacifico
Não no vereis jamais nas ondas solitarias . . .

Para o alcançardes, vêde : ha mil forças contrarias;
É passada a monção — o mar brando e magnifico.
A um temporal como este — um maremoto horrifico,
Foi-se a Atlantida : só ha Cabo Verde e as Canarias!

Os tempos não são mais a Argonautas propicios :
Pan ainda não voltou; não ha mais Endymiões;
Breve o sol morrerá : nem zeniths nem solsticios . . .

Por castigo, talvez, de empreza assim chimerica
Argos e Héspero vêem-se entre as constellações
E Colombo é o infeliz Argonauta da America! . . .

SONHO DE ARTISTA

Com o teu fino pincel, com tua penna ou lapis
Desenha-me este céu, estas selvas immensas,
Jesus Christo a pregar o perdão das offensas,
Annita Garibaldi e o sol dos Guararapes;

O sacerdote egypcio adorando o boi Apis,
Caravanas sem fim nas planicies extensas,
Paladinos morrendo antes das recompensas,
A antiga Syracusa e os templos de Serapis.

Doura com o teu pincel e a paleta divina
A fronte aos menestreis e á deusa, anjo ou demonio,
Aphrodite — e á Natercia e Laura e Fornarina.

E á essa belleza ideal que atravessou as éras,
— Cleopatra, cujo olhar subjugou Marco Antonio
E em Actium arrastou á derrota as galeras!

REVELAÇÃO

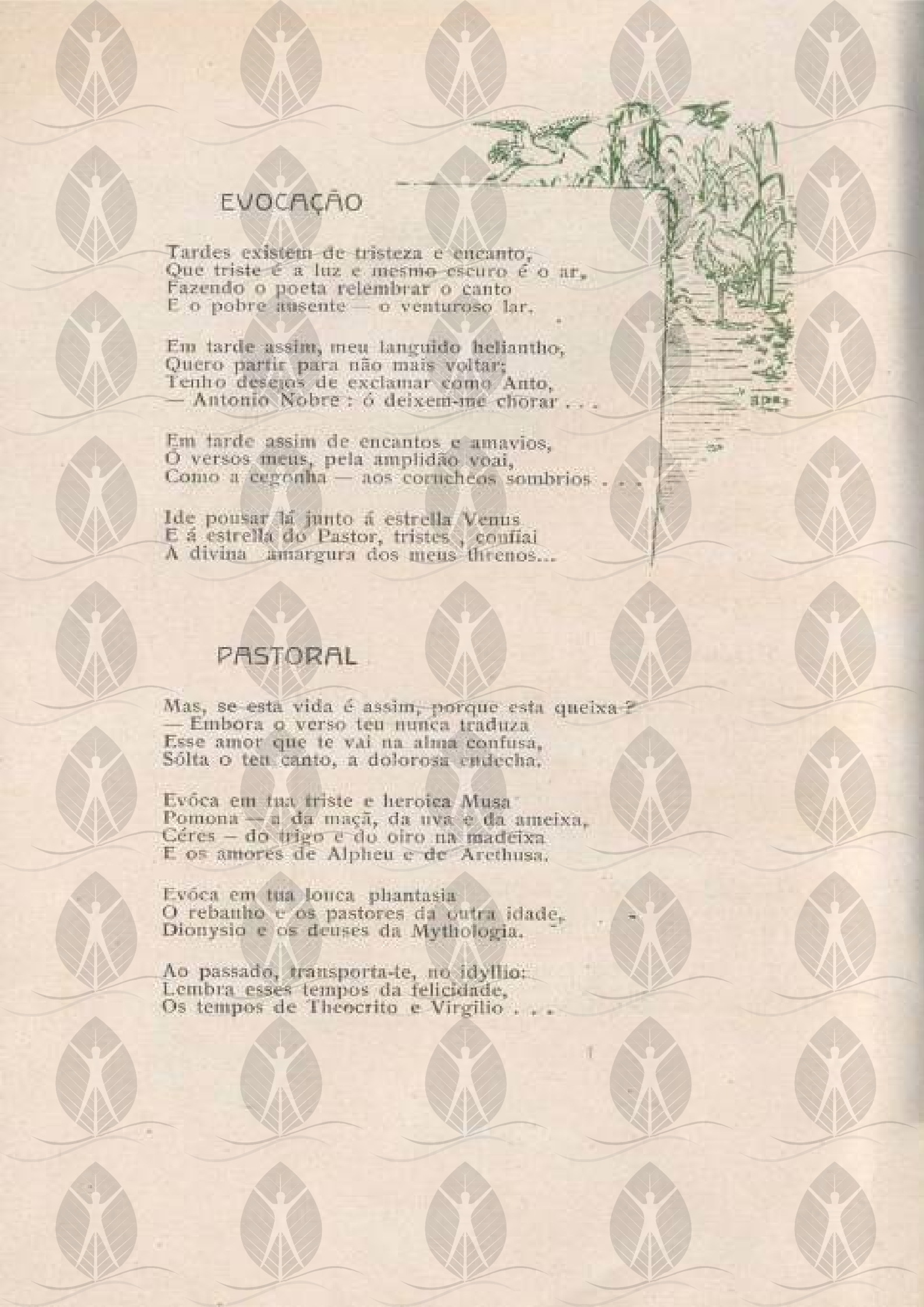
— Peregrino do Céu, que a Dor seja contigo!
E sentei-me a chorar á hora exul da Trindade . . .
Eu era um castellão, velho na mocidade,
Scismando á barbacan do meu castello antigo.

— Seguirás, semearás sobre o campo inimigo
A Vinha da Illusão e o Trigo da Saudade,
Mas, triste lavrador de vãs Chimeras, ha de
O teu sangue inundar essa Vinha e esse Trigo.

— Para a missa do Dia, os seculos de joelhos,
A hostia rubra do Sol fulge nas altas cimas:
Vem do sangue este Sol, vem dos trigos vermelhos.

— A Dor cultivarás, Dor cruel será a tua . . .
E a minh'alma chorou todo um oceano de rimas
Onde havia um choral de sirenas á Lua.





EVOCAÇÃO

Tardes existem de tristeza e encanto,
Que triste é a luz e mesmo escuro é o ar,
Fazendo o poeta lembrar o canto
E o pobre ausente — o venturoso lar,

Em tarde assim, meu languido heliantho,
Quero partir para não mais voltar;
Tenho desejos de exclamar como Anto,
— Antonio Nobre: ó deixem-me chorar . . .

Em tarde assim de encantos e amavios,
O versos meus, pela amplidão voai,
Como a cegonha — aos coruchecos sombrios . . .

Ide pousar lá junto á estrella Venus
E á estrella do Pastor, tristes, confia
A divina amargura dos meus threnos...

PASTORAL

Mas, se esta vida é assim, porque esta queixa?
— Embora o verso teu nunca traduza
Esse amor que te vai na alma confusa,
Sólta o teu canto, a dolorosa endecha.

Evoca em tua triste e heroica Musa
Pomona — a da maçã, da nva e da ameixa,
Céres — do trigo e do oiro na madeixa
E os amores de Alpheu e de Arethusa.

Evoca em tua louca phantasia
O rebanho e os pastores da outra idade,
Dionysio e os deuses da Mythologia.

Ao passado, transporta-te, no idyllio:
Lembra esses tempos da felicidade,
Os tempos de Theocrito e Virgilio . . .

VIDA FELIZ

Poeta, que a tua triste palinodia
Andas entoando pela vida a lora,
Essa magua é não de hoje, não de agora,
É de todas as dores a rhapsodia.

Julgas teu pão possuir mais dura a coada
E ao teu olhar ser mais brilhante a aurora:
Em linguas mil isto se disse outr'ora,
- Diferenças de escripta e de prosodia.

Deixa o teu sonho, esse delirio vario . . .
Para viveres neste Sahara, inermio,
Tem paciencia como o dromedario.

Não tens calma nem mesmo enquanto dormes . . .
Vida feliz destructa o pachydermie
Agitando as mandibulas enormes . . .

FAC ET SPERA

Faze e espera, é a divisa de esperanças
De alguém que ainda na vida tudo espera
E ainda crê nalgum sonho e na chimera,
Dando ouvido ás balladas e ás romancas . . .

Fac et spera! e a fabricar faianças
Levei a minha louca primavera;
E ás festas de Amathonte e de Cythera
Jarras enviei de todas as nuances . . .

Tarde depois, as forças combalidas,
Vejo-as no chão, desilludido quasi,
Jarras, crateras e amphoras partidas . . .

E a mesma voz me diz altiva e forte:
- Venho agora concluir a antiga phrase:
Fac et spera . . . o Sofrimento e a Morte! -



ZAGAL

Ninguém busque illusões e nem paz e socego
Abandonando os seus tectos extranhos !
Por mim, com a minha fruta, apascento rebanhos
E não quero outros céos, outros sões, outro emprego.

Bem quizera possuir um hepatacordio grego
E a uma deusa adorar de olhos de oiro ou castanhos;
Mas, franqueza, me dão tanto cuidado os anhos . . .
Morro sem ver o Tibre, o Havre, o Sena e o Mondego.

Esse que deu á flor a belleza e os aromas
E aos tapetes de relva o mofiz de velludo
E faz a planta vir de bulbos e rhizomas,

Deu-me uma alma de Paz, de Perdão, de Concordia
E uma serenidade estendendo-se a tudo
E um coração, que é uma harpa immensa e monocordia !

HORTORUM DEUS

(*Heredia*)

Não te approximes. Vai. Passa ao largo, Estrangeiro !
Insidioso ladrão, pretendes, imagino,
Roubar-me a uva, a oliva ou outro fructo mais fino
E a hortaliça que cresce em meu verde canteiro.

Com uma faca, talhou-me outr'ora um pegureiro
Minha estatua, num tronco, em figueira do Egipto.
Ris do esculptor ? vê lá, pois, Priapo — o divino,
Esse deus dos jardins na vingança é ligeiro.

Outr'ora eu me adestrava a viajar nas galeras,
Satisfeito e sadio, affrontando atmospheras
Boas ou más e ao léo das ondas rumurosas . . .

Hoje, como guardião destes fructos maduros,
Contra os salteadores vis eu defendo estes muros . . .
E nunca mais verei as Cycladas formosas ! . . .





PHAROLEIRO

A paixão pelo mar, forte e vivace
E o meu isolamento costumeiro
Deram connigo, um dia, em pharoleiro
Num pharol de primeira ou ultima classe . . .

Sosinho, tendo as ondas face a face,
Ao vir da noite, accendo o meu luzeiro . . .
— Quem vem lá? E' um vapor ou é um veleiro?
Só lhe vejo um clarão verde e fugace . . .

Minha luz é uma luz de intermitencias:
Pelo alphabeto Morse, á immensidade,
Lanço, ás vezes, signaes e retificacias . . .

Vai alguém neste ilhéu só de onde em onde . . .
— O pharol da Esperança e da Sandade
Cujos gritos de luz ninguém responde! . . .

PROFISSÃO DE FÉ

O odio é um horror. Se um dia a alguém fiz mal,
Se hei a alguém offendido ou maltratado,
Que me perdõe, espero ser perdoado . . .
Triste do criminoso passional!

Falte-me o pão e mais o lume e o sal
Se a voz, com a ira, eu levantar, num brado . . .
Nunca enganei ninguém, mas, enganado,
Sempre achei a serpente em meu nopal.

Toda creatura que no mundo pena
A alma terá como os crystaes de Iena,
Como as lentes finissimas de Zeiss:

Aos andrajosos estendendo um manto,
Dos infelizes enxugando o pranto
E aos soffredores escutando os ais! . . .

FEL

Não, não sou dos incredulos, eu creio
No amor ardente, no profundo affecto
De um doudo, como Werther, como Hamleto,
— Drama de morte e lagrimas e anseio.

Vivo no mundo ao proprio mundo alheio
E, o mandamento biblico interpreto
Do amor, — odiando o humano ser abjecto,
Pois que a mim mesmo com fervor odeio.

Homem, no altar de reluzentes brilhos,
Queime-te incenso alguem para adorar-te
Tal como outr'ora a Baal Moloch, os filhos!

Quebrei a minha durindana e o escudo . . .
Feliz quem um consolo encontra na Arte:
Só a Arte eterna santifica tudo! . . .

TERRA NATAL

Terra natal, ainda hoje me confranges
A alma sem fé, de miserando escriba,
Se me vens á memoria, ó Parnahyba,
Com teu rio de amor, lembrando o Ganges.

Em creança, formavamos phalanges
A correr e a brincar de riba em riba . . .
Hoje, o meu pranto, é como a copahyba
A golpes de machados e de alfanges.

Da ampla Igreja relembro a magestade,
Das novenas de Maio, a suavidade . . .
Tem trinta annos a dor que em mim se expande!

Nunca, uns dobres alegres ou magnados,
De sino, ouvi, de festas ou Finados,
Como os dobrados do teu Sino Grande!





AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**